

## **FERAS DE LUGAR NENHUM: O INFANTE NA INFÂNCIA E NA INFANTARIA**

**Aluna: Akemi Aoki**

**Orientadora: Rosana Kohl Bines**

### **Introdução**

Este trabalho é uma pequena ramificação do estudo mais amplo da professora Rosana Kohl Bines, na PUC-Rio, que enfoca o binômio infância-violência, cotejando narrativas que priorizam o olhar infantil sobre experiências-limite, as quais colocam em risco a própria sobrevivência da criança que narra ou cuja história se relata, e suas repercussões literárias das representações da infância, levantando problemas fundamentais no que se refere à simbolização de eventos-limite. Como a linguagem pode dar conta de narrar situações que forcem os limites de nossa inteligibilidade? Como escrever atrocidades que não conseguimos sequer admitir em pensamento?

Seguindo essa linha, minha pesquisa se estreitou em direção às narrativas de guerra em literatura africana e este trabalho se concentra especificamente na análise da obra *Feras de lugar nenhum*, de Uzodinma Iweala. Desde o início do século XX até este mal começado século XXI, temos vivido tempos sombrios, em que é cada vez mais comum vermos crianças envolvidas em notícias violentas, para as quais a África, particularmente, oferece extenso material. Como diz o antropologista David M. Rosen, autor de *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*<sup>1</sup>, a imagem de um menino segurando uma AK-47 nos incomoda porque confunde duas determinações fundamentais e inquestionáveis da sociedade moderna: a guerra é ruim e deve terminar; as crianças são inocentes e devem ser protegidas. Por isso, a obra *Feras de lugar nenhum* se torna particularmente mais perturbadora por conhecermos a história do personagem principal, um menino-soldado, através de sua própria voz de criança – em primeira pessoa e no presente do indicativo.

### **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é analisar como a infância pode ser representada numa narrativa de guerra, especificamente *Feras de lugar nenhum*, de Uzodinma Iweala, em que a criança é colocada no lugar do perpetrador da violência, e não somente da vítima, enquanto menino-soldado. Investigo como trabalhar esse material quase inenarrável pela boca de um personagem criança, que ainda não maneja suficientemente bem nem a linguagem e nem a dor.

### **Metodologia**

Para investigação, foi consultado um vasto acervo bibliográfico teórico que pretende operar deslocamentos da visão tradicional da infância enquanto etapa cronológica restrita, pautada pela inocência e por uma visão simplificada da vida – a que corresponderia uma literatura igualmente redutora, de temática edulcorada – em direção a um pensamento da infância como experiência radical da linguagem em estado nascente, como potência do dizer, transitando nos fluxos entre o silêncio e a fala. Em relação aos textos ficcionais, além de

---

<sup>1</sup> ROSEN, David M.. EBRARY, INC. . *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, c2005. xi, 199 p.

*Feras de lugar nenhum*, também foram estudadas outras obras das literaturas africanas contemporâneas, que exploram as possibilidades da ficção na tematização da infância em situações de risco, como *Bom dia camaradas*, de Ondjaki, *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, *Muito longe de casa*, de Ishamael Beah, e *Nós matamos o cão tinhoso*, de Luis Bernardo Honwana.

## Conclusões

O ensaio produzido foi conduzido na direção de pensar como a voz da criança talvez não seja a mais imprópria para se ouvir uma história de guerra. O *infante* não vive apenas na infância, na criança ainda sem fala, mas também na infantaria, no soldado que combate a pé, em terra, que vai para o embate corpo-a-corpo. Aquele que está num lugar em que não cabe fala, mas apenas os ruídos animais da guerra. Num certo sentido, poderíamos dizer que os infantes desses dois lugares, infância e infantaria, compartilham da mesma experiência de encontro e desencontro com o mundo, de exploração no chão, de desbravamento de campo com o próprio corpo, em bravura instintiva.

## Referências

- ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, s/d.
- BENJAMIM, Walter. “A doutrina das semelhanças”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BORGES COELHO, João Paulo. *Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas*. Acesso em: 28/04/2010.  
<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf>
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977
- DELEUZE, Gilles. “A Literatura e a Vida”; “O que as crianças dizem”; “Lewis Carroll”; “Gaguejou”. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- EHRENREICH, Barbara. *Ritos de sangue: Um estudo sobre as origens da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Infância e pensamento”. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- HELD, Jacqueline. “Infância e fantástico – o animismo infantil”; “Fantástico, linguagem e poesia”. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.
- KOHAN, Walter O. “A infância da educação: o conceito devir-criança”. In: KOHAN, Walter (org). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NESTROVSKI, Arthur e Márcio Seligmann-Silva (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROSEN, David M. EBRARY, INC. *Armies of the young: child soldiers in war and terrorism*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, c2005. xi, 199 p.